

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Jornal do Comércio*Class.: *Calha Norte*Data *29.05.93*Pg.: *135**190* Onde está o patriotismo?

JORGE BOAVENTURA

ESCRITOR, JORNALISTA E PROF. UNIVERSITÁRIO

É bastante recente e continua na memória de todos, a ce-
leuma levantada pelas esquerdas e pelos seus infectíveis e
constantes aliados liberais, em torno do denominado "pro-
jeto Calha Norte". Parecia, à luz dos protestos que se levanta-
ram contra ele, que se tratava de algo iníquo e inconvenien-
te aos interesses nacionais e, como não poderia deixar de ser,
da democracia. Representaria o referido projeto algo locu-
brado "nos porões da ditadura", sob o controle e a inspira-
ção dos sinistros militares, como toda a gente sabe, educados
no culto de uma ideologia internacionalista, cujo próprio hi-
no denominava-se "Internacional". Os marxistas, e os seus
inefáveis aliados liberais, eles sim, seriam os depositários do
culto ao patriotismo, à defesa, de armas nas mãos, da nossa
soberania, e assim por diante...

Na verdade, o projeto de que estamos tratando visava a
vivificar extensas fronteiras ainda praticamente desertas e,
longe de representar algo a desenvolver-se exclusivamente
no domínio militar, ao contrário previa, para a consecução
dos objetivos desejados, a ação conjugada de vários ministé-
rios: os do Exército, Marinha e Aeronáutica, ao lado dos da
Saúde, da Educação, da Agricultura, dos Transportes, das
Comunicações, enfim, algo capaz de atrair e de fixar naque-
las paragens, brasileiros que nelas passassem a concretizar a
presença real do Brasil, como algo palpável e irreversível. Na
hora da verdade, porém, o que se viu foi que apenas as For-
ças Armadas buscaram realizar a parte que lhes cabia, o que
veio ao encontro do tremendo barulho contra o projeto, tão
grande e perturbador, que a maioria se deixou enganar,
confundindo-o com algo fantasioso e desnecessário, que
convinha fosse desativado. Nem se davam conta do amor ex-
tremado que passou a ser ostentado por tantos em favor da
"nação Ianomâmi", cujos integrantes vivem em região
abrigada pelo projeto, com parte situada em nosso territó-
rio, e parte no território da vizinha Venezuela. Incidental-
mente, convém esclarecer que a área ocupada pela "nação"
a que acabamos de referir-nos é uma das mais fabulosamente
ricas de toda a Amazônia, o que talvez possa explicar a imen-
sidão territorial que passou a ser considerada reserva de um
punhado de índios, que merecem sem dúvida proteção e am-

paro, mas que talvez não necessitem de tamanha área. No
sentido da antropologia cultural, note-se a tribo Ianomâmi
merece a designação de nação. Amanhã, ou depois, porém,
algum "benemérito protetor" dos índios, pertencente ao I
mundo, poderá suscitar entre eles uma reivindicação por in-
dependência e soberania, e lá estarão em cheque a nossa, e a
soberania da Venezuela. Muitos leitores, possivelmente,
acharão um tanto fantasiosa a hipótese que estamos levân-
tando. Observem, porém, que o chamado I mundo já esgotou,
em grande parte, os recursos naturais de que dispunha.
A sua prosperidade, porém, que depende delas, assenta hoje
no domínio da ciência e da tecnologia, e exige planejamento
de prazos médio e longo, a que nós não estamos nada afeitos.
Reparem como, agora, o noticiário da imprensa registra a
presença militar americana em nossa fronteira com a Guia-
na. Ora, as forças armadas americanas têm experiência de
luta na selva, adquirida na guerra da Coreia, e sobretudo, na
do Vietnã. Por que, então, estariam elas interessadas em
conhecer as condições peculiares e específicas para ações mili-
tares na região amazônica? Tais exercícios custam caro, e a
situação econômica dos EUA não é nada brilhante no mo-
mento, em que aquele país é gravado pela maior dívida exter-
na do mundo e por uma gigantesca dívida interna. Acham os
leitores que, em semelhante situação, eles se dispõem a rea-
lizar dispêndios, fora da hipótese que estamos sugerindo, in-
teiramente despropositados e inúteis? Não parece mais fa-
zoável supor que eles se justificam dentro do quadro de hipó-
teses sugerido por algum planejamento de médio ou longo
prazo em que se tornem necessárias operações militares ame-
ricanas na região? Quem sabe em socorro, como tem sido
praxe desde há muito, da soberania de algum "pobre povo
oprimido" como, recentemente, teria sido o Kuwait? É ver-
dade que tais ações tão nobres e humanitárias tardam um
pouco quando o povo ameaçado e, mais ainda, fisicamente
trucidado, como ocorre aos muçulmanos da extinta Iugoslá-
via, não ocupam área economicamente rica, como acontecia
ao Kuwait com o seu petróleo...

E como ocorre aos índios que, embora escassíssimos, pe-
rambulam nas imensidões da nossa fronteira amazônica
norte fabulosamente rica em recursos naturais e, amanhã,
poderão ser promovidos a nação ou nações, no sentido poli-
tico do vocábulo.